

∞ POR UM SENTIR MOLAMBO
Deslizes criptografados entre arte, lixo e
luxo ∞



∞ For a molambo sensation: Cryptic slips between art, trash
and lux ∞

Manguebixa (Tiago Alexandre dos Santos)
Universidade Estadual do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Sociologia | Fortaleza, Brasil
tiagoxandee@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-4868-2560

Divine Kariry (Pablo Soares Pereira da Costa)
Universidade Federal da Bahia
Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade | Fortaleza, Brasil
soarescariri@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-5340-5736

Resumo

O devir-aranha se revela e então tecemos redes e fazemos alianças. Corpo em transante transe, no jogo dos brincantes da dança bucal. O punho partiu e a rede caiu em rede, na queda infinita e envolto por ela dançamos com nossos mais novos vestidos por entre o lixo intergaláctico. Rompeu-se fora X dentro e todas as possibilidades de localização de um aqui e uma acolá. Não há estruturas, o binário expirou! A rede além de emaranhada está rasgada!

∞

Palavras-chave

rede; molambo; movimento.

Abstract

The becoming-spider reveals itself and then we weave nets and make alliances. Body in transient trance, in the game of the mouth dance brincastes. The fist broke and the net fell into a net, in the infinite fall and wrapped by it we danced with our newest dresses through the intergalactic garbage. It broke outside X inside and all possibilities of locating a here and a there. There are no structures, the binary has expired! The net beyond tangled is torn!

∞

Keywords

network; molambo; movement.



¶ A voz que grafa a seguir/agora é uma extensão do movimento vivido nos corpos das artistas entre os dias 01 e 14 de julho de 2020. O sentir é o verbo que podemos oferecer antes do mergulho. O satélite é a Lua. Desliguem seus celulares. Inspirem profundamente, dêem pausa, expirem lentamente. Bom deslize ¶

Saravá o mulambo! Saravá o luxo! Saravá a arte! As palavras que seguem na composição deste texto são antes de qualquer coisa a materialidade da despretensão da propriedade intelectual. A propriedade é fruto de poder e o poder é exercício das quebras na teia. O devir-aranha se revela e então tecemos redes e fazemos alianças, vez ou outra deglutimos os machos após o acasalamento, não como forma de destruição, mas compreendendo que a digestão deste é transfiguração, assim sendo, ele torna-se parte de mim, fluxo, compondo meu corpo e enxergando a vida a partir dos 8 buracos que compõem a cabeça. Infinito torna-se, reina em rede. O que está fora tenta nos percorrer. E para nos percorrer, pois o corpo é caminho, precisa aprender a serpentear e assim deslizar nas curvas infinitas. A força motriz é a não distinção, o não poder. A cabeça é o mesmo que os pés, porém às vezes através do tempo, e da experiência nele contida, se faz assimilações. Caminho requer terra, percorrer requer som, som é fantasia. Continue a deslizar e não tente deslizar, não tente nada, ouça o som do infinito, pois lá não há barulho, há som. A tentativa é legítima, mas não convém, deslizo. O sono é plausível, pois em rede também se dorme. E foi dormindo que chegamos aqui. Dormindo o 8 tornou-se ∞ . Quem enxerga no dormir a preguiça ou a passividade, é porque só enxerga, não sente. Em rede o dormir é deslize e o fechar os olhos, não é deixar de enxergar, mas sim deslizar o sentir por outros orifícios, desmontando as funcionalidades. A rede de dormir – ou “hamaka” como era chamada antes de se transfigurar – é fruto de um saber em rede dos indígenas da América do Sul ∞ América do Norte, América Central, África, Antártida, Oceania, Ásia, em rede. Esta rede sustenta a metamorfose, é desvio, é alvo, ora balançava

gente entre árvores, mulheres que ofertavam leite a suas crianças, ora enterrava gente que fechava os olhos e deslizava o corpo pra baixo da terra, reverencio. A rede quando em poder rasga mão e ombros daqueles que carregam os senhores e sinhazinhas em passeios pela cidade, estes enxergam, pobres. Rede é território, espaço onde habita caminhos. Rede é reino, porém só é sinônimo de governo quando não está em deslize. Em rede sentimos e criamos, red deslizamos e dá-se a luz, que vaza em uma fresta no exato momento em que nos sintonizamos na “frequência entre lógica e mito”. Desliza entre minhas pernas o desejo que não sabe o que quer, a esta vez ou outra chamo de arte. A arte ou desliza ou não é, quando esta se dispõe a ser enxergada, melhor é cinza, a arte é órgão e a este não cabe ser empalhado, não é campo de taxidermista. Deslizar também não está no campo do engajamento, do hastear bandeiras, pode estar, mas não é essência, nem matriz, fundamento não existe quando se desliza. Em deslize não tem centro, nem direita, nem esquerda, não tem ordem, não tem progresso, não tem continuidade, não é verbo, não tem estabilidade, não é sinônimo de precariedade, porém exige presença e é poesia. Salve Patativa do Assaré! Salve Maria Mulambo! Duas presenças que se atualizam em rede. Transfiguram-se, vibram nas solas das mãos e na palma dos pés. Patativa vocaliza, Maria Mulambo gargalha, os dois performam. O corpo é o encontro. A performance a reconhece, converte, emerge, rompe, é responsável, não é meio de comunicação, pois ao se fazer ela interfere no conhecimento¹.

Antônio Gonçalves da Silva toma pra si seu devir-ave. Transfigura-se em deslizos rasantes pelo ar e assume características do *Sporophila plúmbea* da família *Thraupidae* – mais conhecido nos trópicos como Patativa – fazendo sua melodia ecoar em uni(verso). O poeta-repentista-cantador deixa seu nome de batismo deslizar e assume para si um sentimento passarinho, sendo assim reconhece a rede

¹ Entrelaçado ao pensamento de Dell Hymes, Zumthor (2014), retém alguns traços importantes no que diz respeito à ideia de performance. Estes em deslizos estão presentes no decorrer da composição dessa obra.

maleável que conecta o todo sem distinção. O *Sporophila plúmbea*, canta em Brasil ao sul do Amazonas, Centro-oeste, Nordeste, Sudeste, Peru, Paraguai e Argentina, carregando em seu canto também a frequência das harpas que embalam os meninos deuses da Grécia. *Sporos* (do grego) significa semente e *Philos* “que gosta; amigo”, o *Plumbea, plumbeus* (do latim) significa cor de chumbo, “a ave cor de chumbo que gosta de sementes”. Grécia, Roma, Brasil, Nordeste, Serra de Santana, Assaré, Portugal, África, em vôo rasante pela caatinga, Patativa desmonta barreiras, semeia sementes, causa finco nos solos áridos e faz brotar. O canto é a manutenção da vida anunciando que as dissidências deslizam a celebrar a rede. A rede que balançou Maria Pereira da Silva², mãe do “caboclo roceiro”, poeta da terra, do sertão do Padim Ciço Romão, da Beata Maria de Araújo³ e também do Frei Damião. Rede rítmica, oriunda do verbo, que brinca com os limites da palavra que se limita.

A lua se apaga sem ter empecilho
 O sol do seu brilho jamais te negou
 Porém os ingratos, com ódio e com guerra
 Tomaram-te a terra que Deus te entregou

De noite tu vives na tua palhoça
 De dia na roça, de enxada na mão
 Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo
 Tu és meu amigo, tu és meu irmão.⁴

Corpo em transante transe, no jogo dos brincantes da dança bucal⁵. Língua, dentes, cordas, cáries, mãos,

² Maria Pereira da Silva é o nome de certidão da mãe do poeta Patativa do Assaré.

³ Maria Magdalena do Espírito Santo (Juazeiro do Norte - CE - 23 de maio de 1862 - 17 de janeiro de 1914) ficou conhecida como Beata Maria de Araújo pois protagonizou uma série de eventos miraculosos, sendo motivo de devoção para alguns e perseguição por parte de outros, principalmente de pessoas que usufruíam dos cargos oficiais da igreja católica.

⁴ “Caboclo roceiro”, título do poema de Patativa do Assaré que foi apresentado em 1979 no Teatro José de Alencar.

⁵ “Dança bucal” é termo utilizado pelo medievalista suíço Paul Zumthor ao pensar sobre performance, recepções e leituras.

dedos, unhas, bigode, braços, pernas, glote, intestino, pulmão, vísceras, fígado, ânus, boca, bico, pata, crista, siringe, traquéia, quelíceras, sefalotórax, fiandeiras, semente, radícula, epicótilo, cotilédones, ouro, lixo. Patativa canta e sua voz até hoje ressoa, pois a rede mantém lógica ∞ onde nada perece e tudo se recria. A linguagem molda e reina em rede, elaborando com sua presteza movimentos que mobilizam os corpos na ação-reação, a linguagem é viral. A linguagem desliza e os mauditos⁶ entoam: “não somos nem erudito, nem popular: somos linguagem”. Esta é manchada pelo poder, mas o deslize é a fuga que proporciona o finco do “não poder”. O bem-te-vi por exemplo consegue esta proeza através do canto que brota da sua siringe, o *Sporophila plúmbea* também – alguns cientistas observaram que ele consegue emitir o mesmo som do bem-te-vi – confundindo os ouvidos dos que escutam e não ouvem. “No princípio era o verbo”, o som que cria e modula a rede. Bem-te-vi, *Sporophila plúmbea*, Maria Pereira da Silva, Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, Sanfona, Triângulo, Viola, som. O deslize é vento. Epahey! O vento que desliza dos brônquios, pelos pulmões, escorrendo pela traquéia e habitando a laringe, provocando aberturas nas cordas vocais que vibram em deslize pela cavidade faríngea e se pegam em encruzilhada. Laroye! Caminhos. Canal bucal e nasal e sobre eles paira um véu, o véu palatino. Mistério. Determinante na salva guarda do percorrer. Ogunhê! Maleável ele se move aproximando-se da parede posterior da faringe, deixando livre o caminho bucal, o som por esta vereda se oraliza. Quando se deita em redeslize deixa ambas as passagens disponíveis para o resvalar da voz, que desemboca pelos orifícios dançando. E assim Patativa cantou, marcando nos corpos as vozes de um “Brasil de baixo”, neste movimento mandingueiro que brota dos deslizantes. Os povos sem

⁶A Sociedade dos Cordelistas Mauditos foi um grupo de cordelistas/performers que nasceu no Cariri cearense no dia 01 de abril de 2000, período de descomemorações da chegada dos portugueses a esta terra. Se utilizavam da poesia de cordel para burilar as compreensões consolidadas sobre o nordeste brasileiro.

nome, os bastardos os repentistas, cantadores, emboladores, contadoras de história, mulheres que em beira rio lavavam os farrapos e entoavam cânticos para suas crianças que mergulhavam em água. Orayeyeô! A voz cria e brota no Solzinho⁷ fazendo fincos na língua como forma de defendê-la. A voz, perpassada por língua e tinta, se grafa, deita e dorme. Fica ali dormindo em sono feroz que tira o sono de muitos. Em cordel ela ainda dança, deslizante voz que mancha folhas e faz melodia. Pede palma, riso e viola. Desterritorializa e transfigura-se em folhas baratas, em material que se dispõe nos terreiros das casas, ao som do galo que canta no raiar do dia. O cárcere dessas é museu mas até lá ela brinca e sorri pregando peça nos latifundiários da arte que creem sentir. Oni Beijada! A voz assume o ofício da presença que brota no sentir. Os cordelistas e poetas populares brincam com a voz e com as matérias que chegam, transformando os farrapos em encantaria, reinventando o mundo e dando novas possibilidades a partir do que não se valora, o Molambo.

O punho partiu e a rede caiu em rede, na queda infinita e envolto por ela dançamos com nossos mais novos vestidos por entre o lixo intergalático. Saravá Dona Maria Molambo! Confundo os buracos e sinto todos a me comporem. A rede e a pele são indistintas. No sono a rede me foi casulo, no vôo da queda a rede me é vestido. O ventotempo continua a rasgar os farrapos e a moldar meu sempre novo corpo. Metamorfose incompleta. Completo existo amanhã se amanhã existir. Colido com metais diversos e num exercício de cataclismo absorvo todos na fome de criar um novo espaçotempo. A infecção é inevitável. Já estou. A recusa é a forma mais humana de amputação. Já não sei mais onde estou, desterritório. O absurdo não pode ser compreendido, finalmente sinto a pedra da batateira⁸ rolar e fortaleza sucumbir enquanto a

⁷ Solzinho é uma morada de encantados em algum ponto da Chapada do Araripe - CE. Lá, estabelecemos conexões de deslizamentos em afeto. Espaço que compõe este texto, o iluminando.

⁸ A Pedra da Batateira é um território-narrativa que circunda nas vozes, principalmente da cidade do Crato-CE onde está localizado o rio Batateira. Algumas histórias afirmam a possibilidade da inundação da região em

dunas da sabiaguaba⁹ se expande desconfigurando planos. Kao Kabiecilê! Odoyá! Saluba! Só assim todas as vidas terão acesso a mar, mata e tudo que houver. Tudo será de todos, porque tudo é todo! Oke Arô! A evacuação já não será possível e resta apenas tentar produzir vida com todos os elementos que selecionamos nesses tempos. O olho e o cérebro já não serão os órgãos centrais e o plástico cobre as nossas caras, reconfigurando-as. Se quisermos, devemos aprender a conviver com o lixo depositado. Aqui, nossa semiotização já não estará mais condicionada à pressupostos. Foram cortados dos nossos exercícios imagéticos, os blocos de perspectivismo ecologizantes. Com as nossas, no agora, elaboramos planos de através dos mecanismos da própria negação do lixo - estratégia dos sujeitos limpos - recusar usar esse lixo que é a necessidade de aceitação da nossas formas de vidas. As formas de vida já não serão mais enquadradas. Uma mutação individualmente coletiva. Tudo já será águas, terras, plantas, bichos, gentes, lixos... e já decidimos não querer transformar pneus velhos em poltronas vendáveis/rentáveis que irão decorar os salões de alguém que ainda ouse não abrir mão dos valores higiênicos. Na radicalidade do fenômeno já não teremos condições de se preocupar em transformar o lixo em mercadoria/valor aprisionados aos mutiladores modos costumeiros de reciclagem capitalística. Pane no sistema. Desenvolveremos ideais mau contornados de luxo, porque a abundância também fará parte de tudo isso. Desprecarizaremos as nossas vidas a partir da própria experimentação do lixo. Recordamos que aprendemos a conviver e transmutar com ele, enquanto os higiênicos achavam dominar-nos! Recorremos às memórias e elaboramos planos em que entendemos que tal elemento

águas de um oceano submerso que existiu no território no período cretáceo no momento que a pedra da Batateira rolar.

⁹ Durante o processo de experimentação da obra, fomos atravessados pela notícia de que as Dunas de Sabiaguaba - Fortaleza/CE, estavam programadas para mais uma violação (Loteamento) por humanos que se pensam donos dela. Em seguida, um registro fotográfico nos é acessado e neste, as dunas já tomavam parte de um asfalto construído sob os seus pés. O mistério e a anunciação está posta!

-lixo- já era parte dos nossos cosmos. Nós bebemos lixo e já somos ele! Essa é uma possibilidade de nesse momento continuarmos vivas! Como num exercício de transição, em que a honestidade e a urgência, nos fez reconhecer que o nós produzimos o lixo no momento exato em que produzimos a nós mesmas. Acessando a essa tecnologia ancestral, recordaremos que nós já havíamos em algum grau, misturado elementos para a composição do nosso reino, a hibridez foi fundamental para que pudéssemos presenciar esse momento. Me parece assim, que RESTAnos apontar que o nosso luxo está em decretarmos o lixo como componente essencial para nossa continuidade. Avisto em algum grau, também, que eles - sujeitos limpos - não conseguirão transfigurar o pulmão para respirar nessa mistura, sobretudo quando um canudo entra e se instala no seu nariz. Deixo também o recado, que a partir de agora, estes deverão entender o lixo fora dos scripts das aulas de ecologia. Não existe um lixo separados de nós a quem devemos tratos certos para continuarmos delirando a vida. Nós somos o próprio lixo, aceitemos a incapacidade de descartá-lo como se ele já não fosse parte de nós. Rompeu-se fora X dentro e todas as possibilidades de localização de um aqui e uma acolá. Não há estruturas, o binário expirou! A rede além de emaranhada está rasgada! ∞

Referências Bibliográficas

ZUMTHOR, Paul. 2014. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC/PUC-SP.

Enviado: 05/04/2022

Aceito: 05/06/2022